

FSP 24/9/95 3-2 391

SINAIS DE FUMAÇA

Índios fornecem maconha ao tráfico no MA

Cultivo da droga é hábito cultural dos guajajaras, cujas plantações produzem cinco toneladas da erva por ano

CRIS GUTKOSKI Da Agência Folha, em Arame e Grajaú (MA)
Plantações de maconha em aldeias dos índios guajajaras alimentam a principal rota do tráfico da droga no Maranhão.

dos guajajaras da área Araribóia para revendê-la a consumidores próximo ao posto da Funai. Na semana passada, um índio krikati pediu R\$ 500 por 1 kg da droga.



Índio guajajara ao lado de pé de maconha na aldeia de Taurazinho, localizada em Arame

O Estado é o segundo maior produtor de maconha do país, segundo a PF (Polícia Federal). A produção, estimada em sete toneladas ao ano, fica um pouco abaixo da de Pernambuco.

A hotelaria Lúcia de Sousa diz acreditar que boa parte dos visitantes são traficantes, que ficam até 15 dias na cidade negociando preços e quantidades com os índios.

Segundo a antropóloga Elizabeth Coelho, da Universidade Federal do Maranhão, os guajajaras usam a maconha como estimulante —para os trabalhos da caça e da lavoura— e como remédio.

A Agência Folha ouviu em Arame (sem partido), o delegado da Polícia Militar, sargento Vieira, o padre italiano Pedro Ângelo, comerciantes, vereadores e secretários municipais. Todos sabem e afirmam que os guajajaras das redondezas plantam e vendem maconha em grande quantidade.

Os guajajaras vendem a maconha nas aldeias, áreas demarcadas e pertencentes à União, onde a PF só entra com autorização da Funai (Fundação Nacional do Índio).

A venda da maconha é a quase a única fonte de renda para os índios nas aldeias e está relacionada com a miséria em que vive a maioria das tribos no Maranhão.

Na semana passada, índios da aldeia Morro Branco, em Grajaú, vendiam maconha —em uma lata de leite em pó de 300 gramas— para um traficante por R\$ 30,00.

Com exceção de alguns líderes indígenas que têm TV, geladeira e automóvel, a maioria dos 11 mil guajajaras no Maranhão se veste com trapos e se alimenta mal.

Na cidade, uma das principais na rota do tráfico, a lata chega ao consumidor final por R\$ 50,00.

Na aldeia Taurazinho, perto da entrada de Arame, não há sequer um poço artesiano. Os índios bebem uma água amarelada, salobra, que tem deixado vários doentes.

'Para eles é natural', diz padre

Da Agência Folha, em Arame e Grajaú (MA)

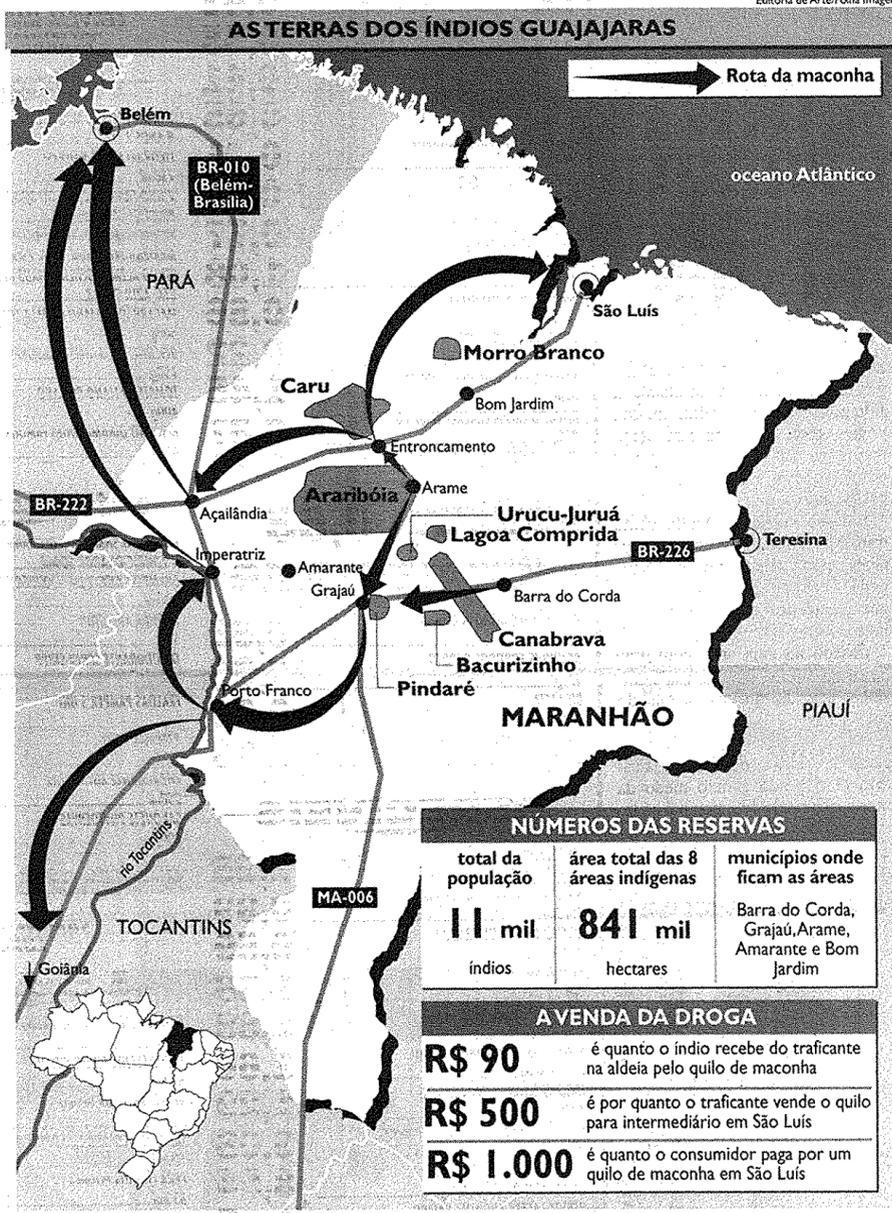
que a sociedade dos brancos é diferente, que o comércio é ilegal, mas não temos força para coibir o plantio e a venda", declarou.

O coordenador do Cimi (Conselho Indigenista Missionário) no Maranhão, padre Carlos Ubbiali, disse que os guajajaras não sabem o que significa o tráfico e desconhecem a dimensão do problema advindo da venda da maconha.

Segundo Ubbiali, os índios estão se deixando aliciar por traficantes. "São os brancos que têm grandes plantações na área indígena", disse.

"Para eles, o consumo é uma coisa natural", afirmou o dirigente do Cimi —conselho ligado à Igreja Católica. "A gente tenta explicar

A Agência Folha tentou ouvir o presidente da Funai, Márcio Santilli, durante três dias: informou o tema da entrevista, deixou vários recados e não houve resposta. (CG)



'Dá pra dar uma relaxada'

Da Agência Folha, em Arame e Grajaú (MA)

Dono de uma casa comercial em Grajaú, S. 30, sobre todo dia o Morro Branco (aldeia de 49 hectares no centro da cidade) para intermediar a venda de maconha dos guajajaras para não-índios.

"Aqui, 70% da população é 'diambreiro' (traficante)", diz. "Diamba" é um dos nomes da droga no Estado. Na língua tupi dos guajajaras, chama-se "petemarré".

S. - Tem negócio aí? Lata? Índio - Eu arrumo uma lata (de leite em pó, cheia de maconha). Quanto vocês pagam? R\$ 50?

Repórter - Caro... Índio - Mas dá pra dar uma boa relaxada... Repórter - Tem quanto na lata? Índio - Dá 400 g.

Repórter - Quando é a safra da maconha? Índio - Em abril, começamos a plantar em fevereiro. Repórter - Você vem aqui todos os dias? S. - Todos os dias. Quando eu falto, eles estranham.

Índio - Estou pedindo R\$ 100 por quilo lá em Arame... Repórter - Quem? Índio - O dono do fumo. Repórter - É branco? Índio - Branco, ele é cearense. Tem 70 kg lá em Arame. Tô com plano de ir lá.

Repórter - Mas é tudo de índio? Índio - Tudo do índio. Ele comprou e fez estocagem. Tem sete sacos. Meu fumo acabou anteontem.

S. - Eu posso levar (a maconha) para São Luís. A gente faz um código por telefone. Ligo e digo "estou levando cinco livros", que é 5 kg. Entrego pessoalmente. Repórter - Vale a pena? S. - Pra mim vale. Tem que combinar uma quantidade mínima, 10 kg. Me pagando "uma quina" (R\$ 500) por quilo, eu levo. Lá se vende por R\$ 1.000.

FOLHA DE S. PAULO Um jornal a serviço do Brasil... TABELA DE PREÇOS POR ESTADO... SUCURSAL DE BRASÍLIA (DF)...

Programa tenta reverter quadro

Da Agência Folha, em Arame e Grajaú (MA)

O Banco Mundial e o governo do Maranhão começaram a financiar este ano projetos em que comunidades indígenas desenvolvem atividades como lavoura, criação de suínos e fabricação de farinha.

Na aldeia Bacurizinho, onde vivem cerca de 800 índios, os quatro chiqueiros para a criação de suínos estão praticamente prontos. Quatro associações de guajajaras receberam, cada uma, de R\$ 15.000,00 a R\$ 18.000,00 para o projeto.

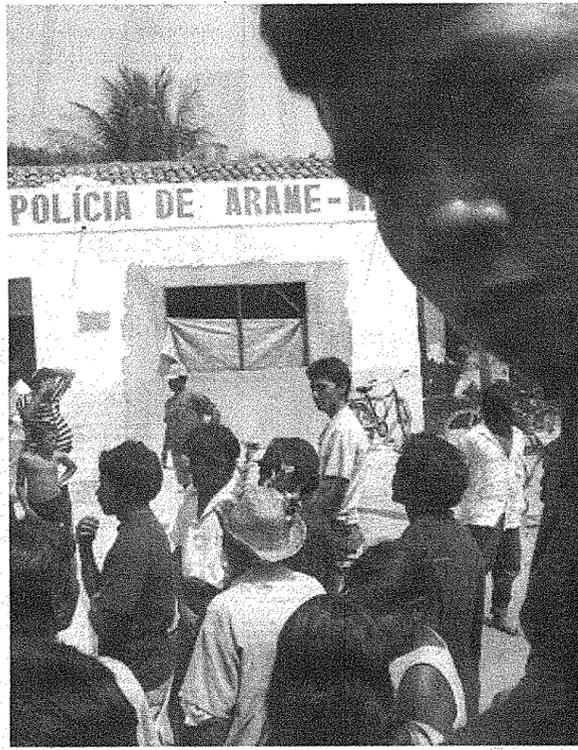
Sobre o risco de a verba ser desviada para produção de maconha, Viana declarou que o governo está se precavendo. O dinheiro é liberado por etapas e o cronograma exige apresentação de resultados, acompanhados por técnicos. (CG)

PF reclama de infra-estrutura

Da Agência Folha, em Arame e Grajaú (MA)

A PF (Polícia Federal) apreendeu em 95, até agosto, 306 kg de maconha no Maranhão, quase tudo no eixo Arame-Grajaú-Barra do Corda.

"Não é fácil desmontar caminhões carregados de melancias e sacos de arroz para encontrar a maconha em um fundo falso." No Maranhão, a PF divide o combate ao tráfico com as polícias Civil e Militar. A delegacia da PM de Arame não tem sequer telefone.



ALDEIA EM PÉ DE GUERRA

Guajajaras (foto) protestam em Arame contra o prefeito Raimundo Barbosa. Exigem remédios, ferramentas e professores. "A prefeitura não tem nada a ver com índio", respondeu o prefeito. "Nunca fui em aldeia pedir voto."